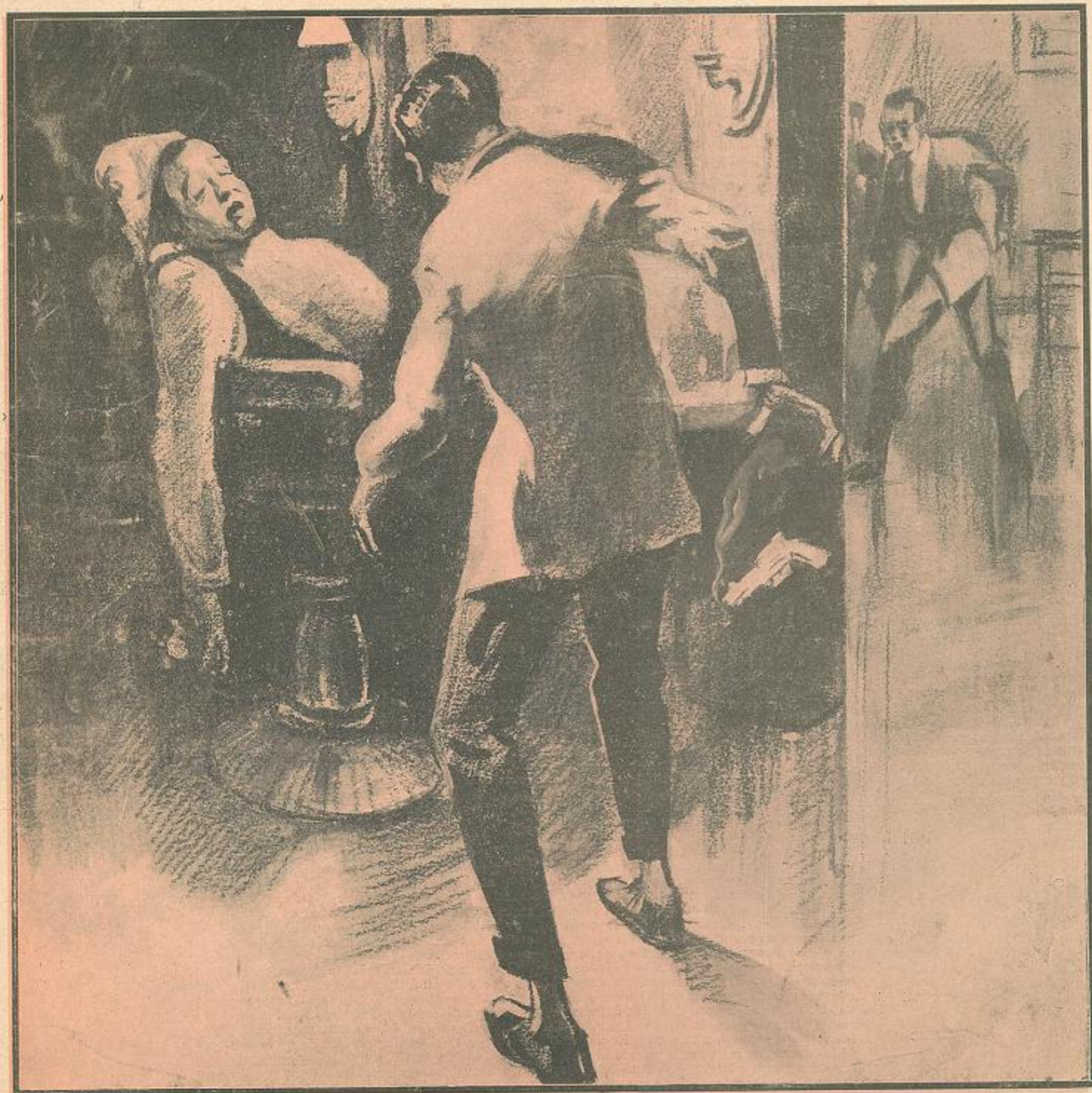
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

Ano II—Numero 93 | Preço avulso 1 Escudo | 12 Paginas

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS E UTILIDADES

A TRAGEDIA DO RITZ

Emquanto nas salas o champagne jorrava das taças, e tudo em volta era um turbilhão de volupia e alegria, o Destino espreitava dois homens. E um tiro partiu, ecoando tragicamente pelos salões do Club. Rolou um cadaver... Para o outro, assassino involuntario, abriam-se as portas da prisão!

Pag. 2

O DOMINGO ilustrado

ANO II — N.º 93

LISBOA 24 DE OUTUBRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — Rua D. Pedro V 18 — Telefone 631 N. — EDITOR JULIO MARQUES — IMPRESSÃO — Rua do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

Aos nossos leitores

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o novo tipo de papel em que, a partir do numero de hoje, será impresso *O Domingo Ilustrado*. Com este sensivel e importante melhoramento, o nosso semanario procura apenas corresponder de algum modo ao generoso acolhimento do publico que, desde o primeiro instante, nos tem manifestado a mais viva simpatia.

Em breve teremos o prazer de anunciar outros grandes melhoramentos na parte grafica, artistica e literaria do nosso jornal, que tomará uma feição mais moderna, continuando a manter o seu caracter especialmente popular.

Beneficencia

Do nosso apreciado colaborador sr. Pedro Mourão (Dropê), conceituado charadista, recebemos e agradecemos reconhecidamente a oferta do custeamento da despeza a fazer com a aquisição dum fato, para ser oferecido no Natal a uma criança do sexo masculino protegida pelo nosso jornal, e orfã de pai. O vestuario será distribuido por intermedio do «Grupo Excursionista 8 de Setembro.»

Finalmente, acusamos a recepção da quantia de 840$00 escudos, enviada pela benemerita comissão — composta pelos srs. David Kriales, Diogo de Miramar, Antonio Valadas e David Monteiro — que organisou o sarau em favor das vitimas do Faial, realisado no Casino da Curia, no dia 30 de Setembro proximo passado. A aludida quantia foi por nós entregue ao prestimoso Gremio dos Açores.

O desastre do Porto

A morte dos seis bombeiros, no incendio do Porto, veiu pôr em relevo, mais uma vez, a prestimosa corporação a que as vitimas pertenciam.

O Corpo de Bombeiros, tanto municipais como voluntarios, é das poucas instituições portuguesas que honram o país e ocupam lugar condigno entre as congeneres institu-ções estrangeiras. E' um corpo de *elite*, constituido por homens que formam sobre a moral social uma opinião ditada pela alma e não pela boca dos socialistas de comicio.

Onde está um bombeiro está a possibilidade dum acto heroico.

E' de notar que de entre as centenas de homens que exercem uma tão perigosa e altruis. ta profissão, é raro, rarissimo, surgir um criminoso. Um bombeiro é, dum modo geral, um apostolo da Bondade, um homem que, habituando-se a dar um alto preço á vida dos seus semelhantes, perdeu por completo a noção do valor que tem a sua propria vida.

PÉS

Disseram-me que tinhas aberto uma ourivesaria. Tinhas então um pé de meia, meu marotol...
—Não, mas tinha um pé de cabra!..:

Henrique Roldão

Ainda que alarmados pelo agravamento da doença de que enfermou poucos dias depois de regressar do Brasil, não deixou de dolorosa e sentidamente nos surpreender a morte de Henrique Roldão, o querido companheiro de trabalho que desde o primeiro numero do «Domingo Ilustrado», de cuja redacção hoje era chefe, empenhadamente veiu colaborando comnôsco, com o mais dedicado esforço e o melhor do seu talento.

Escritas estas linhas na pressa imposta pela necessidade de fechar o jornal e na comovida perturbação em que sinceramente nos lança a dolorisissima nova, não conseguimos a serenidade de espirito necessaria para erguer, em evocação saudosa, a figura do humorista, do artista e do escritor, que foi Henrique Roldão.

Atravez dos nossos olhos velados de lagrimas e da nossa alma turva de pena vemos somente nesta hora de luto e dôr, o amigo, de boa e leal amizade, que perdemos e que choramos, o camarada que nunca mais virá sentar-se a esta banca, onde perturbadamente estamos vivendo, nestas linhas, um dos mais dolorosos, senão o mais cruciante, momento da existencia dêste semanario, a que o espirito de Roldão deu um fecundo impulso e que a sua dedicação sempre acarinhou.

questão prévia

Aviação acelerada está revestindo em Lisboa um duplo aspecto perigoso para quem não tenha automovel e para quem não tenha a agilidade precisa para saltar para o estribo dum electrico em andamento.

Senhores da rua e feudatarios do pavimento, os «chauffeurs» profissionais e amadores acham que é uma barbaridade levar sob as mãos um motor de cinco, dez ou mais cavalos e deixar ir o carro num andamento pautado pelo chouto das antigas pilecas. Ora como é fatal que cada um tenha a opinião que mais lhe interessa, acontece que os piões acham que barbaridade é levar, atravez de ruas movimentadas, um carro largado a cento e vinte á hora, derrubando candieiros, espostejando transeuntes e indo estatelar-se na Morgue, quantas vezes, com «chauffeurs», passageiros e todo o fôlego vivo que se lhe haja metido ou posto em frente.

O «chauffeur», desde os ronceiros carrões, préistoricos na evolução automobilista, sempre foi o ente feroz a quem a gazolina embebeda e a velocidade céga e desvaira. Lembro-me duma admiravel sintese desta ferocidade, dada numa pagina (creio que de Roubille) dum numero de «L'Assiette au beurre», dedicado ás feras humanas e laconicamente intitulado «Les Fauves»: Na vertigem dum circuito a triunfar um «torpêdo» de corrida ia deixando pelo caminho um rasto sangrento e latejante de membros decepados e, colados ao radiador e aos pneus, farrapos de carne fresca ajudavam a impressão de repulsa e horror. Titulo de pagina, na classificação das «feras»: «Le Chauffeur». E no fundo, a elucidativa legenda, exclamação de radiante egoismo do triunfador, sobrelevando todos os protestos e todos os gritos de dôr: «A' moi, la coupe!»

Esta pagina, admiravel de sintese e de realização, tão impressiva que, passados cerca de vinte anos sobre a sua publicação, eu ainda a recordo com toda a nitidez, é aqui evocada como justissima «charge» á ansia sempre insatisfeita de velocidade que caracterisa os «chauffeurs», levando-os ao excesso de se esquecerem de que existe uma parte da humanidade que anda a pé e a quem, embora as rodas sejam revestidas de borracha e pneumaticos, desagrada sobremaneira que os carros lhe passem por cima.

* * *

O outro perigo de viação que ameaça a população (mas só a masculina) de Lisboa é o trepar agilmente uma pessoa ao estribo dum carro em andamento.

Todos os dias os condutores dos electricos estão expulsando a pontapés e por outras formas violentas os vendedores de jornais, que sobem aos carros para vender os periodicos que apregoam.

O condutor da Carris é uma degenerescencia que escapou á classificação de Lombroso. Creio que a Companhia os recruta com um certo rigor de medição do angulo facial e doutras caracteristicas. E', de nascença, tirano, grosseiro, violento, sempre pronto a negar o troco de meio tostão e a da-lo com o alicate ou a chave das agulhas. Não sei que magico filtro lhes dão a beber no Arco do Cego ou em Santo Amaro que homens que se alistaram sendo possuidores de bom coração, ao fim da aprendizagem já pedem sangue de passageiro e rim grelhado de vendedor de jornais.

O espectaculo diario da ferocidade do condutor contra o «ardina» não é só degradante, porque passou a ser perigoso para quem, vendo um carro, lhe salte para o estribo levando distraidamente um jornal na mão. A furia cega do condutor pode confundir o passageiro incauto com um vendedor de gazêtas e aí está uma pessoa estatelada na calçada, ostentando no peito a marca do pé condutorial.

Por mim, guardo sempre, á cautela, o jornal que levo, quando salto para o carro, mas ainda noutro dia me subiu o crédo á boca ao vêr o dr. Alfredo Pimenta trepar, airoso e lesto, para um electrico em andamento, sobraçando o volumoso masso de jornais que lhe é peculiar.

Felizmente, o condutor ia distraido, senão tinhamos Pimenta entornada.

Feliciano Santos

ECOS

Jornalistas diplomados

Certo professor de certa Universidade resolveu ir dar certa passeata ao estrangeiro. E vá de inventar uma viagem de estudo. E vá de descobrir um estudo pouco estudado: o da organisação de cursos para profissionais da imprensa.

E' possivel que, dentro em pouco, tenhamos uma Faculdade de Jornalismo dentro da Universidade de Coimbra, e que seja preciso o respectivo diploma para redigir um artigo de jornal. Ora se ha faculdade que toda agente sempre teve é a de escrever nos jornais. São por demais conhecidas as quotidianas cartas dos «Assiduos Leitores.» E depois, isto de formaturas consiste em meter na mesma fôrma um certo numero de cabeças... Ora o que os jornais necessitam é de espiritos com modalidades bem diversas, para agradarem a todas as modalidades de leitores.

De tudo isto se conclue que o folgasão lente da vetusta Universidade esteve a mangar com o respeitavel publico.

Um futuro risonho

O *Seculo* tem publicado algumas cartas de professores, mais ou menos indignados contra a nova reforma de instrução secundaria. Essas cartas são altamente elucidativas. Numa, participam-nos que no curso dos liceus, como acontece na instrução primaria, já não se aprende historia patria. Por outra carta vimos que é impossivel aprender lingua e literatura portuguesas, no tempo destinado a esse ensino; por outra, vimos que o francês foi tratado como... roupa de franceses.

A julgar por estas missivas dos entendidos, os frutos da nova reforma serão dos mais azedos e o curso dos liceus passará a ser ainda muito mais secundario do que já era.

HONRAR PÁE E MÃE

—E's um patife da força do teu pae!
—Lá que te metas comigo está bem! Mas que ofendas meu pae é que eu não consinto!...

O DOMINGO ilustrado

HUMORISMO

crónica alegre

IENINAS, VAMOS
O VIRA ?

CERTO pae de familia ancioso procurou-me ontem e, persuadido de que eu tinha passado os meus ltimos mezes nos *dancings* de Biarritz u das praias normandas, perguntoue com muito interesse:

— «O meu amigo, que tem estado i fóra, é capaz de dar-me informações cerca do *charleston?*

— «Pois não. Não tive ensejo de o er dançar; mas estou documentado. á tinha umas luses ligeiras sobre o

ssunto, já tinha ouvido tocar no piano ranger no gramofone algumas das usicas que acompanham essa dança ingular e, se me não houvessem já explicado do que se tratava, ter-me-iam elucidado completamente as descrições de erto moço estimavel das minhas relações, coreografo notavel ao que parece, que, no comboio, descreveu a um equeno grupo de pessoas minhas migas o quanto essa dança animara s tardes e noites da Figueira, salvo rro.

O *charleston*, meu bom amigo, é mais ma dança de pretos. Veiu na bagagem a companhia de negros dambos os exos que se exibiu ha mseês em Paris no Teatro dos Campos Elisios, hoje transformado em *music-hall*. A sua madrinha é Josefina Baker, uma actriz negra que usa o cabêlo alcatroado e que tem sido tão falada ultimamente como a Cecile Sorel. Para a dançar em termos não é absolutamente necessário ser preto e cheirar mal. O indispensavel é ser-se acrobata e ter um fôlego de gato. Já várias pessoas têm morrido nos requébros variadissimos a que o *charleston* obriga...

O pae de familia olhou-me tristemente e disse-me:

— O' senhores! No meu tempo dançar era um praser, um deleite. Aquele falado «turbilhão» da valsa é um exagêro do poeta. Nem a valsa, nem a polca, nem o endiabrado galope, tinham turbilhões de especie nenhuma. Hoje, o dançar é um trabalho pesadissimo. Calculo que um *charleston* deve ser para a bailarina cousa equivalente a esfregar uma escada de cinco angustiosos lances e para o bailarino o mesmo que desmanchar e tornar a armar um guardafato de espelho.

— Peor, muito peor. E depois, se soubesse como é ridiculo quando não se reduz ás suas verdadeiras proporções, que são os dum numero de coliseu. Querer transportar aquélas acrobacias para casas particulares e praticá-las, por assim diser, em familia é — fique isto absolutamente entre nós — idiota e indecoroso. Num *dancing* publico, dançado por desconhecidos, desperta o riso ou a curiosidade. Num salão ou num club fechado, executado por pessoas das nossas relações, irrita ou mete dó...

— Mas onde vamos nós parar? perguntava o pae de familia com as mãos na cabeça e duas filhas em casa.

— Não sei. Talvez não paremos tão cêdo. Atraz do *charleston* e exgotados os bailados de fantasia humana, iremos para defronte das jaulas de macacos estudar os passos de novas danças. Bailaremos de cabeça para baixo. As filhas de familia farão publicamente os meneios que a Formosa Oriental exhibia por um pataco, ha vinte anos, na Feira de Belem, com proibição de entrada dos menores. Tudo isto ao som das mais inverosimeis cacofonias, pois a *musica* vae acompanhando a *dança*.

— Valha-nos a memória de Justino Soares!

— Antigamente, no bom tempo da valsa, do *pas de quatre*, viam se numa sala de baile os pares girando com o sorriso nos labios. Havia dialogos mudos no entrelaçar das mãos. Enfim escuso de diser mais nada ao meu amigo, que ao compasso da valsa dolente angariou a que foi posteriormente mãe das suas encantadoras meninas. Vá hoje a um *dancing* e veja com estes ritmos sincopados a quantidade de caras ameaçando sincope. Tenho por vezes examinado grandes salas de dança onde giram centenas de pares e tive a meúdo a impressão de ver as caveiras atravez da mascara dos rostos pintados e sem alegria. Ainda hoje estou vendo uma senhora quarentetalôna que dançava para emagrecer ha uns cinco anos. Dançava de tarde e á noite. Pagava aos bailarinos, pois ninguem faria por gosto o fréte de a agitar. Pois calculo que essa pobre desgraçada, se não morreu, deve estar agora no reboliço e nos pulinhos do *charleston*. E' horrivel pensar nestas couzas, se bem que o caso não seja novo. Depois da peste negra houve em toda a Europa ocidental uma epidemia de *fox-trott*. Até lhe chamavam a dança de S. Vito.

AS GAZETAS DE HOLANDA

Para mudar de assunto e espairecer um pouco, o pae de familia, que tambem é patriota, perguntou:

— E' verdade! E lá fora o que se diz de nós?

— Nada.

— Nada?

— Durante quatro quinzenas os jornais francêzes de larga informação apenas se referiram a Portugal para noticiarem o desastre dos Açores e as duas tentativas de insubordinação militar: a de Chaves e a do coronel João de Almeida, e isso em termos telegraficos e por vêses sem titulo.

— Mas então não dizem nada *disto?...*

— Isto quê?

— *Isto*...

E o nosso patriota tinha um gesto largo que metia bastante pelo passado dentro.

— Não dizem. Pelo mênos que eu tenha lido... E que necessidade temos nós que os prélos estrangeiros gemam por nossa causa? Julga que aquêles a quem podemos interessar e cujo interesse nos pode ser proveitoso não têm cá dentro os seus elementos de informação? Tratemos de ter juiso e de ser um paíz decente. Vamos andando e trabalhando. No dia em que tivermos feito qualquer coisa de notavel, as noticias aparecerão expontaneamente. Os jornalistas de grande estôfo cá virão fazer inquéritos. Entretanto, deixemonos estar quiétos. Não se fala de nós? Tanto melhor. Os povos felizes são os que não arranjam histórias...

PARA FECHAR

— E, para não ficar assim de monco caído, ouça lá esta que é bem do melhor humor britanico.

Um professor chegou á aula e preguntou com o sobrecênho carregado, pois não estava nesse dia de muito boa catadura:

— Quem foi que fez o «Hamlet»?

O aluno, que êle fixara por acaso, levantou-se e disse muito pálido:

— Juro que não fui eu...

O professor não poude deixar de

rir-se e, á saida da aula, encontrando um amigo, narrou-lhe o caso. O amigo ouviu e muito sério, comentou:

— Se calhar, realmente não tinha sido êle...

O professor olhou-o pasmado, mudou de assunto e, ao chegar a casa, ao sentar-se á mesa do almoço, contou á mulher o dito do pequeno e o comentario ainda mais inesperado do ignorante amigo. A mulher ouviu, deixou decorrer em silencio um certo tempo e por fim indagou solicita:

— E, afinal, veiu a saber-se quem tinha sido?

O pobre professor ainda a olhava assombrado, quando, na ponta da mêsa, a sogra afirmou categóricamente:

— Em geral, essas coisas nunca chegam a descobrir-se.

ANDRÉ BRUN

VELOCIDADE

—Ha mais de dois mezes que não falo a minha mulher...
—Estás zangado com ela?
—Não, é porque só ela é que fala.

PROFISSÃO

—Aquela mulher? é uma desvergonhada, bebe e joga...
—E que profissão tem?
—E' modelo...

Curiosidades

UM TAPETE DE 100.000 LIBRAS

O famoso tapete (kaiserteppich) tapete do imperador, presente do tzar Pedro «O Grande» ao imperador da Austria Leopoldo I, que durante tantos anos guarneceu o tecto da grande escadaria do castelo de Schoenbrunn, está agora em Londres, onde o govêrno austriaco, em precária situação financeira, o mandou expôr para venda. O preço pedido é de 100.000 libras. Até agora, ainda não apareceu comprador, mas julga-se que será comprado pelo Muséu Victoria and Albert. O tapete do imperador data do século XVI.

VITIMAS DA REVOLUÇÃO FRANCESA

As vítimas da grande Revolução Francesa, segundo os calculos de Prudhomme, atingiram a «linda» cifra de 1.040.954 pessoas, assim discriminadas: Fidalgos, 1278; fidalgas, 750; mulheres de lavradores, 1.467; religiosas, 350; padres, 1.135; sem profissão, 13.623; guilhotinados por ordem dos tribunais, 18.603; mulheres mortas de susto, 3.748; mulheres assassinadas na guerra da Vendéa, 15.000; crianças mortas na mesma guerra, 22.000; homens, na mesma guerra, 900.000; vítimas das arruaças de Nantes, 32.000; vítimas em Leão, 31.000; crianças espingardeadas, 500; crianças afogadas 1.500; mulheres espingardeadas 264; mulheres afogadas, 500; sacerdotes espingardeados, 300; sacerdotes afogados, 460; fidalgos afogados, 1.400; operarios afogados, 5.300.

RENDIMENTOS DUMA VACA

O rendimento duma vaca leiteira depende essencialmente da raça a que pertence e da maneira como é alimentada. As melhores leiteiras das melhores raças — flamenga, holandesa — podem dar de 15 a 18 litros por dia, com uma média de 5.000 litros por ano. A seguir, veem as melhores das raças normanda ou picarda, com 12 a 15 litros por dia, ou seja 4.500 litros por ano, as de raça suissa, «comtoise», «bressone», com 10 a 12 litros por dia, ou 3.300 litros por ano. Uma excelente vaca vulgar dá de 6 a 8 litros por dia ou de 1.800 a 2.400 litros por ano (ou antes, em dez mezes). As vacas mediocres, de cada uma destas categorias, produzem cêrca de metade destas quantidades.

CABELOS CAROS

A moda dos cabelos cortados não matou completamente a dos postiços e das cabeleiras. Uma boa cabeleira só pode ser feita com cabelos de muito boa qualidade. Os cabelos mais apreciados para êsse fim são os das bretãs, que vendem o seu cabelo por 500 francos aos maiores cabeleireiros de Paris. Para fazerem este negócio teem que rapar o crâneo, visto que os cabelos da frente são os mais apreciados.

Francisco Bernardone, S. Francisco de Assis

NO dia 3 de Outubro deste ano de 1926 celebrou-se, em todo o mundo, o sétimo centenário da morte de São Francisco de Assis, o santo mais santo de tôda a Cristandade. Não vem, portanto, muito fora de propósito recordar, ainda que apressadamente, alguma cousa acêrca da Igreja, alta figura da História da Civilização.

Outrora, nos principios do século XIII, havia na cidade de Assis, na Umbria, um rico negociante de fazendas chamado Bernardone, que costumava fazer viagens de negócio até á França, país onde conheceu uma provençal, com quem casou. Tendo um filho, Bernardone deu-lhe o nome de «François», em homenagem ao país que amava e onde conhecera o amor.

Esse filho foi criado entre mimos e riquezas. Acarinhado pelos pais, o jovem trabalhava na casa de fazendas, mas, principalmente, gastava dinheiro á farta em banquetes, caçadas, passeios, etc. A sua alegria, o seu entusiasmo pelo prazer, conquistaram-lhe muitas simpatias. Mas algumas pessoas, mais sérias, achavam excessivas essas manifestações demasiado barulhentas duma vida pouco menos de ociosa. No entanto, todos reconheciam que o jovem folgasão era incapaz de praticar qualquer acto indigno ou grosseiro. O seu aspecto, cheio de graça e elegancia, desarmava tôda a gente. Semelhante vida de dissipação durou até ao dia em que Francisco Bernardone adoeceu gravemente. Ao findar a convalescença dessa enfermidade, alguma cousa transformara o jovem. Apezar de continar a conviver com os seus companheiros dos banquetes e passeios, no seu espirito começavam a nascer os mais graves pensamentos e a desenharem-se grandiosos sonhos e visões. Um dia os seus companheiros, zombando dêle por o verem agora tão sério, perguntaram-lhe se estava apaixonado. E Francisco respondeu: — «Sim, sim! E a mulher que sonho desposar é a mais bela, a mais nobre, a mais rica que jamais se viu». Era uma ironia, visto que Francisco Bernardone acabava de se resolver a desposar eternamente a Pobreza, que foi realmente a grande paixão da sua radiosa existência.

Tôda a vida do filho do negociante de Assis tendeu, daí em diante, para um só objectivo: praticar a caridade, amar os pobres. Despojava-se da sua capa, do seu chapeu, de todo o seu vestuario, da propria camisa, para cobrir os esfarrapados mendigos. As moléstias mais repugnantes atraiam a sua solicitude. A sua piedade é tanta, que chega a descer do cavalo para beijar a mão dum leproso a quem deu esmola. Como sentisse certa repugnância ao praticar êsse acto, impõe a si próprio a obrigação de ir á gafaria mais próxima, onde beijou todos os leprosos. Cada vez mais indiferente aos bens terrenos, compenetrado das grandezas da doutrina evangélica, habitua-se ás mais frugais refeições e ao mais sucinto trajo, e consagra ao alivio dos desgraçados e á reconstrucção de velhas igrejas todo o dinheiro que consegue juntar e que dantes desbaratava.

E' claro que uma tão grande mudança de hábitos provocou, na cidade de Assis, os maiores comentarios. Muitos compatriotas de Francisco o julgaram louco e o seu proprio pai, cansado de o repreender, o tratava asperamente. Mas através de tanta incompreensão, os actos do jovem começaram a impressionar algumas almas eleitas e apareceram os primeiros prosélitos dos preceitos franciscanos, que mandam os irmãos de S. Francisco não possuirem ouro nem prata e caminharem sem bôlsa, sem pão, sem bastão, e de pés descalços, prégando sempre a doutrina cristã.

O primeiro discipulo de Francisco Bernardone foi o seu patricio Bernardo de Quintavalle, homem rico, que distribuiu toda a sua fortuna pelos pobres, na praça de Assis.

Pouco a pouco, espalhou-se por toda a Italia a noticia de que, nos arredores de Assis, andava um homem prégando a palavra santa, ressuscitando os milagres da vida de Cristo, incitando os seus patricios a amarem-se e auxiliarem-se mutuamente. Dizia-se que já extinguira alguns odios entre gente da sua terra e que, sob o dominio da sua voz, os mais implacaveis inimigos se tornavam amigos. As populações italianas, atormentadas por sangrentas guerras civis, pelas lutas entre a nobreza e o povo, ansiavam por ouvir palavras de paz e acolheram amorosamente a noticia dum apostolado pacifico.

Seis anos depois das suas primeiras palavras de piedade, São Francisco recebia a benção do Papa e era olhado como um bemfeitor da humanidade. Sentiam-se felizes os que podiam tocar no seu fato ou cortar um pedacinho da sua túnica. Quando entrava em qualquer cidade, os sinos tocavam alegremente e toda a gente ficava radiante. Traziam-lhe, para ele abençoar, uns pães que depois eram conservados religiosamente, como remedio contra as peores doenças. Bastava que Francisco tocasse num objecto para que este logo assumisse um caracter sagrado. O freio e as rédeas do seu cavalo, a corda com que cingia a cintura, curavam todas as doenças, no dizer do povo.

Mas Francisco abusava das privações (passe o paradoxo!). Vivia, por vezes, em cavernas; trazia sempre um cilicio; dormia sobre a terra; passava noites a rezar. Aos quarenta anos era já um velho. Sofria muito dos olhos, mas suportava quási alegremente as suas dores. Tinha feridas nos pés e nas mãos, mas nisso via uma semelhança com o martirio de Cristo e não se cansava de as agradecer a Deus. Já muito mal, embora sem nunca se queixar, quiz subir ao monte de Vernia, que lhe fôra dado, para fundar um convento. Incapaz de andar, guindaram-no para um cavalo e, acompanhado por alguns irmãos, empreendeu a dolorosa viagem, que foi narrada por um dos seus companheiros. No regresso da montanha sagrada, São Francisco despediu-se dos seus discipulos, dizendo-lhes: — «Adeus! Separo-me de vós pelo corpo, mas deixo-vos a minha alma». E preparou-se para morrer, saudando a sua entrada no Ceu com estas palavras da mais lírica humildade: — Bemdito sejas Tu, Senhor meu Deus, pela nossa irmã a Morte...».

INDUMENTARIA DUM TEATRO

O teatro municipal de Viena existe há cento e cincoenta anos e reuniu uma colecção de trajos notável pela quantidade de variedades, assim como numerosos acessorios e decorações de toda a especie. Possue actualmente 20.000 fatos de homem, 10.000 vestidos e trajos femininos, 500 armaduras, 5.000 pares de calçado e inumeros objectos empregados em scena.

EXPERIENCIA FACIL

Para conhecer praticamente se um tecido tem mistura de algodão, deixa-se cair na fazenda um pingo de tinta. Se a nodoa alastrar em duas direcções opostas, quere dizer que há mistura de algodão. Se alastra em todos os sentidos, quere dizer que é um tecido puro.

UM GENERAL CENTENARIO

O mais velho general de Inglaterra acaba de celebrar o seu centésimo aniversario. E' «sir» Jorge Wentworth Higginsson, que combateu durante a guerra da Criméa e viveu no reinado de cinco monarcas. Quando era muito pequenito, o rei Jorge IV fez-lhe uma festa na cabeça, em Windsor; falou muitas vezes a Guilherme IV, nos jardins de Kensington, e quando era aluno do colegio de Eston (é hoje o decano dos antigos alunos dessa escola) aclamou a rainha Victoria no dia do seu casamento com o principe Alberto. Foi «sir» Higginsson o instrutor militar de Eduardo VII e era um dos familiares da rainha Alexandra. Os soberanos de Inglaterra visitaram-no muitas vezes, na sua propriedade de Gyldernseroft. O velho general tem ainda uma vida muito activa e sobe grandes escadarias, dispensando o elevador.

UM ESTRANHO ANIMAL

Entre os mais estranhos especimens animais figura o equidno. Este bizarro animal, que vive na Australia e na Nova-Guiné (ha-os de duas especies), põe ovos e é olhado pelos naturalistas como um elo entre as aves e os mamiferos. O equidno come formigas, o que lhe é facilitado pelo seu aspecto de porco-espinho. Uma parte da cabeça e do corpo é revestida de verdadeiras agulhas, e um bico muito aguçado permite-lhe apanhar as formigas com a maior facilidade. No tempo da postura a femea produz só um ovo, que é incubado numa especie de bolsa. Atacado, o equidno, quando não pode meter-se pela terra, enrola-se em forma de bola e espera pacientemente o desaparecimento do inimigo, a quem as agulhas do seu corpo atemorisam. Quando o solo não é demasiado duro, o equidno escava um buraco e desaparece tão rapidamente, como se fosse escamoteado por um prestidigitador.

A NOITE DE LUCINDA

«A Noite de Lucinda» é um acontecimento nacional. O Paiz deve a Lucinda Simões sessenta anos de trabalho pelo levantamento do Teatro. Que de triunfos n'esses sessenta anos!

Lucinda Simões que, em todas as *étapes* da sua carreira, foi sempre a mais avançada artista, porque sempre evoluiu, ou antes, porque sempre se adeantou, ainda hoje, aos 76 anos de edade, dá lições de modernismo aos mais novos.

O Paiz deve a Lucinda todos os progressos na arte de dizer, todas as evoluções na arte de encenar.

Deve-lhe a revelação das obras primas extrangeiras e muito da gloria dos seus dramaturgos.

Deve-lhe artistas—uma legião—porque Lucinda Simões fez artista, ergueu-os da bruma para as rutilações do tablado, onde lhes ensinou a falar, a mover-se, a viver com verdade a ficção da Scena.

E o Paiz deve a Lucinda talvez mais do que tudo isso: Deve-lhe a maior creação de toda a sua vida, a mais pura obra prima, a sua maior realisação de Beleza: Lucil a Simões.

Eis porque a festa de 28 no teatro da Trindade não é nem a festa artistica nem o espectaculo de homenagem a que estamos habituados.

A noite de 28 do corrente é «A Noite de Lucinda». Está formada uma comissão para a levar a cabo com todo o brilhantismo. E' composta dos srs. dr. Ricardo Jorge Filho, Avelino de Almeida, José Loureiro, Gustavo de Matos Sequeira, Lino Ferreira, Antonio Ferro, Artur Portela, Alvaro Lima, dr. Antonio Horta e Costa, Luiz Galhardo, Nogueira de Brito, Carlos Selvagem, Vasco de Mendonça Alves e Joaquim Almada, pelo «Gremio dos Artistas Dramaticos».

O programa dessa noite memoravel consta! alem de uma saudação em scena aberta, em que Lucinda ficará rodeada de todas as grandes figuras do Teatro Portuguez, da representação da peça de Oscar Wilde, «Uma mulher sem importancia» e do original em 1 acto de D. Maria de Nobrega «Diplomacia Americana».

Adolfo Faria de Castro

Adolfo Faria de Castro, nosso querido amigo e distinto académico universatário que vem marcando no jornalismo literário, dá a sua adesão á bela ideia que o «Domingo Ilustrado» teve ao propor a «reprise» da peça «Aljubarrota», do grande escritor Ruy Chianca. E recortamos da sua ultima cronica de teatro na Eva, a interessante revista dirigida pela ilustre escritora D. Heleua de Aragão, estas palavras:

«Tendo eu entrado no reduzido numero daqueles que foram cumprimentar «Ruy Chianca a bordo do «Raul Soares», não posso deixar de aproveitar êste ensejo de afirmar a minha alta admiração, aplaudindo a homenagem que se prepara. Pois bem. Que se remonte a peça «Aljubarrota». Porque se espera? Ah! sim, é por um empresário consencioso e português!....»

Cinema Condes

As mais interessantes produções cinematograficas

Algumas anedotas de teatro

Um actor (ia a dizer vaidoso sem me lembrar que já tinha dito actor) mais exagerado que um andaluz ou um marselhês, entrou um dia num café, sentou-se ao lado d'um amigo e tomando uma cerveja e o ar d'uma personalidade importante, disse:

— No fim de contas, o emprezario do «Paraiso Teatro» lá me mandou chamar, e sempre te digo que me fez uma linda proposta.... Sabes quanto é que ele me ofereceu de ordenado por mêz?

E o amigo, que o conhecia a fundo, respondeu-lhe imediatamente:

— Bem sei... ofereceu-te metade do que tu me vaes dizer.

* * *

Andava uma companhia em tournée pela provincia.

Fazia parte d'essa companhia uma das nossas actrizes, muito atraente, muito bonita, mas muito pauliteira. Em Castelo Branco um actor adoeceu gravemente e morreu.

Consternação geral e um grande embaraço por não saberem a forma de avisar a viuva sem lhe dar um grande golpe.

Como ha-de ser, como não ha de ser e a actriz pauliteira declarou:

— Deixem o caso por minha conta, que eu vou telegrafar.

Efectivamente dirigiu-se ao telegrafo e passou o seguinte telegrama á viuva do seu infeliz companheiro.

«Seu marido um pouco adoentado. Enterro amanhã, ás duas horas».

E ao chegar ao teatro, a nossa actriz pauliteira declarava aos colegas:

— Lá foi o telegrama. A senhora deve ter ficado contentissima.

* * *

Caruzo, o extraordinario cantor italiano, encontrava-se hospedado num dos primeiros hoteis de New-York, mas como o fogão do seu quarto não fizesse boa tiragem, chamou para o caso a atenção do gerente do hotel.

No dia seguinte, quando Caruzo estava estudando uma das peças do seu repertorio, entrou o limpa-chaminés para proceder á limpeza do fogão.

Estava o cantor estudando a sua opera ao piano, e o limpa-chaminés, advertido mais duma vez, continuava assobiando enquanto procedia ao seu trabalho.

— Cala-te, já te disse, berrou Caruzo.

E o nosso limpa-chaminés continuou assobiando.

— Cala-te, repetiu o genial tenôr. Cala-te... lembra-te que eu sou o primeiro cantor do mundo.

E o nosso enfarruscado amigo respondeu sorrindo:

— Pois sim... Mas eu sou o primeiro limpa-chaminés do mundo.

* * *

Jules Verne e d'Emery estavam escrevendo um dramalhão para o Theatre des Portes de S'. Martin.

Um dia, d'Emery passou por casa de Jules Verne, e tendo sabido pela porteira que o seu colaborador não se encontrava em casa, deixou-lhe o seguinte recado:

— Diga ao snr. Jules Verne que esteve aqui o d'Emery para lhe dizer que matou o pae de Suzana.

A porteira ficou horrorisada, e quando Jules Verne entrou em casa e lhe transmitiu o recado, mais horrorisada ficou ainda ao ouvir o seu inquilino responder-lhe, imperturbavel:

— Está muito bem... Se ele não o matasse, matava-o eu.

* * *

Contou estas anedotas

LINO FERREIRA

Mercedes d'Almeida

A' hora de se fechar a pagina, chegou-nos a noticia do falecimento de Mercedes d'Almeida, Outra mocidade que se vae para o longinquo paiz «de onde viajante algum jamais voltou»...

Mercedes d'Almeida, um dos mais suaves sorrisos da Scena Portuguesa, morreu com 25 anos, com o espirito cheio de esperanças e de vontade de trabalhar.

Fez a sua curta carreira nas companhias de Armando de Vasconcelos, Lucilia Simões, Palmyra Bastos e Gil Ferreira. Em cada uma delas, Mercedes d'Almeida afirmou o seu valor, o valor da sua inteligencia e do seu estudo.

Teve papeis, teve noites de belos triunfos, e, conheceu em Teatro, uma ventura de que muito poucos artistas se podem vangloriar: A amisade.

Tinha em cada colega um amigo porque Mercedes era de uma grande bondade. Quem poderia querer-lhe mal?!

De Mercedes d'Almeida, pelo seu suave sorriso, pela figurinha delicada e leve, pela sua beleza d'alma, se pode dizer que foi *gentil*, na acepção que a palavra tem, de fragilidade, de graça e de ternura.

SYLVIO VIEIRA

Chegou, Viu, Venceu. E foi com a rapidez de um relampago que Sylvio Vieira se impoz ao publico exigente de Lisboa. A sua estreia no «Calesera» marcou um triunfo absoluto.

Sylvio Vieira que traz um nome do Brasil, pela sua permanencia em companhias lyricas de 1.ª ordem como a de Besanzoni e a de Billoro, vae grangear titulo semelhante em Portugal, embora a Opereta seja, para um cantor, campo mais restricto que a Opera.

Armando de Vasconcelos conta na companhia com mais um elemento de valor. Tão bem o comprehendeu o ilustre emprezario, que teve o tacto de escolher para Sylvio Vieira, peça estreia á altura dos seus dotes vocaes.

Aguardemos os novos exitos de Sylvio Vieira e associemo-nos á homenagem que lhe é prestada por um grupo de admiradores e amigos que teve a gentil lembrança de lhe oferecer um banquete na Garrett, em regosijo pelo seu triunfo em Lisboa.

Nacional

Fechado temporariamente.

Eden

O «Cabaz de Morangos»; grande sucesso.

Coliseu

Grande companhia de circo.

Variedades

A revista de grande sucesso «Saricoté».

Teatro da Trindade

Grande sucesso da companhia Lucilia Simões-Erico Braga

Teatro de S. Luiz

A aplaudida peça «Maravilhas».

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

A maior vingança

Novela de emoção, da autoria dum novo, que em fortes e seguras pinceladas fixa uns momentos de inteira tragedia.

JOÃO, naquele dia, andava com pouca sorte. Tres e meia da tarde, e nada de novo! — *Bom, disse ele; mais dez minutos espero.* Para distrair deu alguns passos, tirou da algibeira a caixa do tabaco e, vagarosamente, fez o seu cigarro.

Após algumas fumaças tiradas lentamente voltou de novo a observar as horas. — *Faltam trez minutos*, rosnou ele por entre os dentes, já mal humorado, com a demora da Margarida, uma costureira de 20 anos, carnes morenas, e uns olhos negros, que seduziam. Uns minutos mais e ela aparece á volta da esquina. João viu-a e o seu semblante metamorfoseou-se instantaneamente. Compôs o casaco, endireitou um pouco o chapeu e dirigiu-se para ela, sorrindo. Um afectuoso aperto de mão deu inicio á palestra. João olhou em torno de si para observar se havia alguma cara conhecida que pudesse comprometer o encontro. O caso não era para menos... Toda a precaução era pouca. Izabel podia vir a saber e, então, dar-se-hiam acontecimentos cujas consequencias seriam funestas. João era casado havia já dois anos. Desse matrimónio existia um filhito, a quem ele adorava com grande entusiasmo.

Havia já uma temporada, porem, Izabel suspeitava de qualquer cousa e, diga-se a verdade, João não tinha razão, nem tampouco motivos para a fazer sofrer, porque se há esposas que sabem venerar o seu companheiro, ela era uma delas. Todos os mimos, todos os carinhos, todos os cuidados e todos os sacrificios eram sempre para ele e para seu filho. João ganhava bem, mas ela sacrificava-se e esforçava-se talvez mais do que as suas forças o permitiam. A's vezes, eram duas e trez da madrugada e ainda ela, costurando, terminava os trabalhos que lhe encomendavam. No entanto, Izabel começava a desanimar, porque via que se a casa estava bem posta era devido mais ao esforço dela que ao do marido.

Mas, poragora, deixemos Izabel, e voltemos ao encontro entre João e Margarida. Há horas que parecem malfadadas pelo destino! E senão vejamos: João tinha prometido a Margarida que lhe compraria uns sapatos da moda, e logo por acaso foi aquela a ocasião escolhida para efectuar a compra. Tudo correu bem, mas quando vinham todos risonhos a sair da sapataria, eis que se lhes depara, mesmo defronte da porta, a Izabel. Não vos digo nada! Se, naquela ocasião, ele e Margarida se pudessem ter transformado em mosquitos, não hesitariam...

Estava confirmada a veracidade das fundadas suspeitas de Izabel. A desgraçada, ao ter diante de si a irrefutavel prova da traição, perdeu os sentidos e rolou pelo solo. Pobre Izabel! Metia aflição vê-la. Parecia um cadaver, com os olhos revirados, os dentes hermeticamente cerrados e, no rosto, uma palidez assustadora. Só quando já estava sôbre o seu leito despertou.

A principio todo o ambiente lhe pareceu estranho, mas, em poucos momentos, recuperou a lucidez, e foi então que reconstituiu tudo o que tinha visto. O dialogo entre ambos chegou ao extrêmo limite da violência, mas João, em vez de a acalmar, ainda fazia peor, insultando-a, maltratando-a a cada instante e dirigindo-lhe ameaças. De repente, porém, lembrando-se de que tinha de entrar de serviço daí a pouco,

Ainda ela costurando...

dirigiu-lhe as últimas ameaças, dizendo:

— O que te vale é que tenho de ir no comboio das 6 e 30, senão verias o melhor da festa!

Desesperado, deu duas voltas pela casa, foi ao armario, abriu gavetas, buscou e rebuscou, sem ter encontrado o que desejava. Ainda mais irritado, chegou ao pé dela e, segurando-lhe fortemente por um braço, ao mesmo tempo que a sacudia brutalmente, perguntou-lhe:

— Ouve lá, fizeste o farnel para eu levar?...

As lagrimas banhavam o rosto da desventurada que, sem poder responder, abafava, com a outra mão, os soluços.

— Ouviste o que te disse, — insistiu João, cada vez mais exasperado — Responde, e não zombes de mim, porque, de contrario...

Apenas com um ligeiro movimento, ela respondeu negativamente. Então ele, num gesto brusco e rapido, sacudiu-a com violencia, arremessando-a contra o solo. Fixou os olhos num relogio de bronze que estava sobre a mesa e desalmadamente projectou-o contra a sua vitima. Um grito lancinante partiu da bôca da inocente, a quem o selvagem tinha fracturado um braço. Apesar de a ver tão aflita, ele pegou no chapeu, puxou para si a porta e saiu, sem se importar com os gemidos dela.

Então ela olhou tambem para o mostrador do relogio e reparou que faltavam dez minutos para as seis. Não havia tempo a perder. Arranjou-se conforme poude, foi ao berço, tirou de lá o pequeno, e saiu, ainda com lagrimas nos olhos.

* * *

A's 6 e 30, João já estava no seu posto. Assim que deram o sinal de partida, pôs a locomotiva do comboio em andamento e lá partiu, levando sob a sua responsabilidade desenas de vidas.

Sempre com uma marcha regular, o comboio chegou a Campolide á hora marcada. Alguns minutos de espera e, novamente, a locomotiva arrancou, atraz de si, toda aquela fila de carruagens. Um pouco mais adiante da estação de Campolide, na linha de Torres Vedras,

... surgiu um vulto.

existe uma rampa, que descreve uma curva um pouco acentuada. O que ao final dessa curva se passou é indescritivel. Inopinadamente, e quando o comboio já tinha tomado uma certa embalagem, surge, detras dum poste do telégrafo, um vulto, que se foi colocar sôbre as chulipas da via. Imediatamente João lançou mão da corrente e, então, o silvo agudo daquela serpente negra e fumegante fez-se ouvir ininterruptamente. A' medida que o comboio se aproximava do vulto João dava o sinal com mais energia. Vendo que todo o seu esforço era inutil, largou a corrente e ele e os que o acompanhavam na locomotiva lançaram mão aos travões que se encontravam ao seu alcance. Era tarde!... Ordenou imediatamente que se fizesse contra-vapor. Inutil, tudo inutil! Aquela serpente negra, construida de ferro e madeira, galgou a sua presa, desobedecendo desalmadamente ao esfôrço humano.

Apesar do embate das carruagens, ocasionado pelo contra-vapor, o comboio ainda foi deslisando sôbre a via alguns metros arrastando no rodado aqueles corpos inocentes que, aqui e acolá, deixaram espalhados pedaços ensanguentados de carne. Assim que o comboio parou, entre o panico dos passageiros, João correu atraz, a vêr se, por milagre, tinham escapado. Infelizmente, não!

O que o João viu era de pôr os cabelos em pé ao mais empedernido. Louco e cheio de pavôr, reconheceu naqueles dois corpos, completamente decepados, o corpo de Izabel e do seu filhito, a quem ele tanto queria. Aterrorizado, por ser o unico culpado daquela horripilante tragédia, dava murros na cabeça, arrancava punhados de cabelos, mordendo-se a si proprio, como se fosse uma féra. De então para cá, esse homem deixou de ser um vivente, mas sim um errante, que andava a penar as culpas do seu pecado. Magro como um cão esfaimado, acabou os seus dias no hospital, com uma tuberculose, que o levou a fazer companhia ao filho e áquela a quem êle, em vida tanto fizera padecer injustamente.

FERNANDO M. POZAL

NO PROXIMO NUMERO

O ANEL FATIDICO

NOVELA DA MINHA VIDA

POR

MATOS SEQUEIRA

O REINADO DOS FIGAROS

NOVELA CAPILAR COMPLETA...

POR

AUGUSTO CUNHA

VARIA

N.º 1
3.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

24
OUTUBRO
1926

Apuramento do n.º 9 (2.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

ANELE

N.º 5 — 3 votos

N.º 2, de BAGULHO	2 votos
N.º 4, de JAMENGAL	2 »
N.º 3, de D. SIMPATICO	1 »
N.º 9, de D. GALENO	1 »
N.º 11, de LORD DÁ NOZES	1 »
N.º 18, de VISCONDE DA RELVA	—

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, DROPE (da T. E.), MAMEGO

Com 17 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

LORD DÁ NOZES (16), SANCHO PANÇA, VIRIATO SIMÕES, VISCONDE DA RELVA, (12), DOIS PRINCIPIANTES, PAUSANIAS (10), AULEDO, D. SIMPATICO (T. E.), (9).

OUTROS DECIFRADORES

JAMENGAL (8), AVIARDO (7), MARIANITA (1).

DECIFRAÇÕES

1—reconhecido, 2—*toada*, 3—*esturrado*, 4—*viador*, 5—*GABAROLA*, 6—combate, 7—propenso, 8—Bota-fogo, 9—*amanho*, 10—risada, 11—*cortezã*, 12—cachola, 13—bemfeitor, 14—oboaz, 15—(anulada por falta de verificação), 16—palatua, 17—artefacto, 18—*meninho*.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

N.os 14, de MARIANITA e 16, de REI DO ORCO, com 3 decifradores cada uma.

DEDICATORIAS

MARIANITA decifrou a charada que MAMEGO lhe dedicou.

CHARADAS EM VERSO

1 Existe, em teu o har, a graça imaculada,
Filha do teu sorrir altivo e imperioso,
Que nos deixa a scismar, trazendo a alma embalada
Num cantico de amôr sublime e magestoso!

Sentes nas ilusões a vida rendilhada
De promessas sem fim, num canto harmonioso
Aonde, o proprio amor, em forma delicada,
Seduz o teu desejo em tentação e gôso!

Evocas, a cantar, sonhos da Juventude,
Gemendo ou suspirando as cordas do alaúde,
Numa paixão, talvez, *inferior* á vida!—2

E vives soluçando, em notas dolorosas,
O *custo* dum amôr outr'ora aberto em rosas,—2
Num *desprezo* fatal, tornando te vencida!...

Lisboa — D. SIMPATICO (T. E.)

2 E' Portugal, a nossa linda terra
Ditosa Patria de Camões, do Gama,
De mil herois, de gente cuja *fama*—3
Chegou ao mais recondito da serra,

Um dos torrões que mais beleza encerra!—1
Por isso, Aquele que esta Patria ama,
Deve livra-la de cair na lama,
Na hora vil que passa. Surda guerra,

Cobarde luta invade os corações...
Mas inda é tempo. Cêssem as paixões
E caminhêmos para a Paz sagrada!

Olhêmos um Passado tão *fanstoso*
E trabalhêmos, que é bem mais honroso,
P'ra que esta terra seja abençoada!

Lisboa — JAMENGAL

CHARADAS EM FRASE

3 *Em* chegando *as velas do navio*, guardo-as numa *divisoria de estante*.—2—2

Cascais — ANELE

4 Ele «*risca*» os *parentes* porque ambicionam possuir o *diamante da corôa de França*.—1—2

Lisboa — AVIARDO

5 Este «*instrumento*» é *para* ser tão *fino*.—3—1

Lisboa — CALTAR

6 *Omite* com *moderação*, esse «*instrumento*» —2—2

Lisboa — CASTROLIVA

7 Aquela *ripa* que *alem* está, *oferece* motivo para desconfiar que vai haver *pancadaria*'—1—1—1

Lisboa — DOIS PRINCIPIANTES

8 Quem usa no anel uma «*pedra preciosa*», está arriscado a ter um *tumor* no dedo. Os sintomas, são: a *formação de pequenas placas amareladas sobre a pele*.—2—1

Lisboa — DROPÉ

9 Para bem da «*nação*» só se deve escolher para ministro quem fôr *experimentado* um *homem franco e leal*.—3—2

Lisboa — LORD DÁ NOZES

10 Esta «*mulher*» anda á «*roda*» desta «*medida*» para formar o «*instrumento*».—2—1—2

Lisboa — PAUSANIAS

11 A «*ave*» e o *porco* faziam parte da *comitiva*.—2—1

Lisboa — REI DO ORCO

12 Caí no *atoleiro*, mas ainda posso *admitir* a possibilidade de *ser bemquisto*.—2—1

Lisboa — SANCHO PANÇA

13 Logo que se «*levante*» coma um *rim* e vá para a sombra duma arvore *que não dá fruto*.—2—1

Lisboa — SATURNO

[A' inolvidavel Mamego com a devida venia]

14 De um *cordeiro* e um *porco*, qual deles é o mais *ronceiro?*—2—1

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

CORREIO

AFRICANO, D. GALENO, REI DAS FERAS, RÉI DOS URSOS.—Acabaram-se as produções de V. Ex.as.

MANÉ BEIRÃO.—Só tenho um trabalho de V. Ex.a. Quando quizer...

VISCOND X.—Muito obrigado pelas amaveis palavras Terei muito prazer em publicar a charada quando V. Ex.a me indicar o dicionario onde posso verificar os conceitos *parciais e total*.

VIRIATO SIMÕES.—Para publicar o enigma que enviou é necessario que me diga onde se verifica o ultimo conceito. No dicionario que indica não encontrei.

DR. FANTASMA

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE.—Serão anuladas *sem distinção* todas as listas que, *contendo pelo menos 50 %* das decifrações não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado. Não se restituem os originais.

PALAVRAS CRUZADAS

o passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

DECIFRAÇÕES DO N.º 91

HORIZONTAIS.—1 discordia, 2 feliz, 3 eoleo, 4 ab, 5 Macau, 6 rb, 7 tia, 8 ral, 9 fel, 10 ilva, 11 ceai, 12 eis, 13 sim, 14 ibis, 15 ouve, 16 sós, 17 pro, 18 rir, 19 mc, 20 trova, 21 ga, 22 oitão, 23 iodar, 24 orladuras.

VERTICAIS.—1 debil, 25 il, 26 sim, 27 czar, 28 real, 29 dou, 30 il, 31 aerea, 32 obliterar, 33 cor, 34 va, 9 femur, 35 ais, 11 cio, 12 eis, 36 oro, 14 Abocio, 15 A vigas, 17 proa, 37 ouviu, 39 tr, 40 dá.

QUADRO DE HONRA

AULEDO, DOIS CARTAXEIROS, DOIS PRINCIPIANTES, DOIS TORREJANOS, N.º 2, NONÓ, PAUSANIAS, SPARTANUS

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso distinto colaborador NONÓ.

Nonó

HORIZONTAIS.—1 cobertura, 2 repetir, 3 mordera, 4 inferno, 5 engano, 6 anda, 7 velocidade, 8 liga, 9 pendera, 10 «escritor português», 11 cede, 12 martelo, 13 duas vogais, 14 projectil, 15 «rio da França», 16 cure, 17 uniu, 18 monarcas, 19 discursas, 20 «notaz», 21 macias, 22 a mim, 23 «pronome pessoal», 24 estimeis, 25 «deus», 26 volta, 27, anel, 28 cálculo. 29 lotes, 30 nadar, 31 acção corrosiva, 32 elegante (fem.).

VERTICAIS.—1 servente, 6 «medida», 9 cano, 12 «rio da Arabia», 14 «peso da India», 19 rancor, 22 procuras, 25 «fruto», 28 estudar, 30 zomba, 33 «arteria», 34 «fruto», 35 rezo, 36 basta!, 37 «pronome pessoal», 38 epoca, 39 oração, 40 parte superior do capitel, 41 campos de rosas, 42 aparecer, 43 seguires, 44 avivarás, 45 «pachyderme» (plural), 46 preposição com artigo (pl.), 47 satisfeito, 48 folha de pinheiro, 49 mutilara, 50 coligar, 51 «imperador romano», 52 deserto, 53 áqnéles, 54 bôa.

CORREIO

MENINA XÓ.—Recepi o problema que muito agradeça. Sairá na devida altura. Quantos ás justas reclamações estou completamente de acordo. A culpa não foi do autor, foi unicamente exclusivamente minha, se bem que involuntaria. Foi a minha boa vontade que causou esta trapalhada. Garanto, porêm, que não tornará a repetir se semelhante caso, porque todas as produções que não venham nas regras, irão, sem apêlo, para o cêsto.

PAUSANIAS.—Recebi e agradeço. Sairão na sua altura.

Ir a Palmela e... não vêr o Castelo

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6)

jacobino republicano, chefe leal dum partido. Não havia ele de dizer mal da religião!

—Mas, o nome—acudi eu, disfarçando um sorriso.

— Fê la bonita, — observou, — ha lá dois homens do mesmo nome. E agora? Eu, catolico, monarquico, estou obrigado a ter que agradecer ao Joaquim Antonio o bom acolhimento que lhe deu...

Artur ficara sabendo a quem eu falara. A aventura de Palmela estava explicada. Só uma interrogação, ainda hoje, não tem resposta.

«Quem seria o Artur com quem o demagogo confundiu o meu pobre amigo?

NOGUEIRA DE BRITO

O DOMINGO ilustrado

Varia

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 93

Por D. Przpiorka

Pretas (4)

Brancas (7)

As brancas jogam e dão mate em cinco lances (5)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 92

1 B. 1 T D, R. 1 C; 2 D. 2 C D etc.

A ideia temática deste problema, que tomou o nome do compositor Turton, deve comparar-se com a do Bristol (vide problema n.º 31). A diferença entre os dois temas, Bristol e Turton, é a seguinte:

No Bristol, uma peça de longo alcance desobstrue, liberta, o caminho a outra peça em determinada linha, jogando nela no mesmo sentido que essa peça seguirá, depois de passar pelo ponto de cruzamento das linhas primitivas de acção das duas peças. Ex.º: no problema 92 uma manobra Bristol seria

B. de 1 T D a 8 T R, D. 2 C D, D. 7 C R

No Turton ha egualmente uma marcha libertadora, mas feita em sentido contrario ao que seguirá a peça decisiva, na mesma linha; assim, neste problema, o B cruza a grande diagonal a 1—h 8 de cima para baixo ao passo que a D a cruzará de baixo para cima. Os inglezes chamam á manobra libertadora, nestas condições, uma counter clearance, nós poderemos chamar-lhe uma contra-marcha libertadora ou de desimpedimento.

Resolveram os problemas n.º 91 os srs. NunesCardoso, Vicente Mendonça e Maximo Jordão.

Solução do problema n.º 92

	Brancas	Pretas
1	19-24	28-19
2	12-8	19-3
3	11-16	20-11
4	9-14	18-9 *(a)*
5	5-14	3-7
6	21-7-20-31-22	
	Ganha	
	(a)	
4	—	3-17
5	21-7-20-31-22 15	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 93

Pretas 2 D e 7 p.

Brancas 1 D e 7 p.

As brancas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 91 os srs.: Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Carlos Gomes (Bemfica), José Carlos da Silva, José Magro (Algés) e Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. José Carlos Moreira da Silva (Mira).

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

O malogrado "raid" Nova York-Paris

O Capitão Fonck, az dos azes da aviação militar francesa, acaba de sofrer o mais retumbante fracasso da sua gloriosa carreira.

Temerariamente, Fonck pretendia unir Nova-York a Paris, num gigantesco vôo sem escala.

A opinião mundial dividiu-se em dois campos: o dos que acreditavam na victoria e o dos que duvidavam da possibilidade de levar a cabo uma tão

O piloto francês René Fonck

ousada empreza. Na America, país das apostas, jogaram-se fortunas.

Mas os mais avisados eram os que duvidavam da vitoria. O facto de os aviadores não poderem reabastecer-se de oleo fazia com que a carga inicial do aparelho fosse enorme; além disso, a duração minima do vôo teria de ser de trinta horas e as dificuldades de orientação tambem seriam muito grandes. Por todos estes factores, não era preciso grandes tendencias profeticas para compreender quanto a tentativa era arriscada. No entanto, parece que a Razão se nega, por vezes, a aceitar a propria evidencia. Havia muita gente boa que esperava...

Fonck tinha que percorrer oito mil quilometros sem escalas. Desses oito mil quilometros, tres mil e quinhentos eram sobre o mar, na travessia do Atlantico, na sua minima largura, entre a Terra Nova e a Irlanda.

O «*raid*» Nova York-Paris equivalia, aproximadamente, a dar *duas vezes* a volta á Espanha, sem parar, mas com a agravante de não ser um vôo realisado sobre cidades importantes, que muito facilitam a orientação do piloto.

Fonck teria ainda que vencer uma outra dificuldade: os ventos que na zona do Atlantico que separa a Terra Nova da Irlanda sopram sempre com grande intensidade e, apezar de favorecerem o viajante aereo em caminho da America para a Europa, durante parte do trajecto, comprometem a segurança do vôo dum aparelho que vá muito carregado, como teria de ir o do capitão Fonck.

Para mostrar bem todas as dificuldades do vôo, basta dizer que este excedia em mais de seiscentos quilometros o *record* do mundo de vôo sem escala, realizado com um aparelho de tipo já muito experimentado e sobre terra firme.

O aparelho destinado ao vôo Nova York Paris era um biplano gigante de três motores, construido pelo célebre engenheiro russo Sikorsky, que se tornou famoso pela construção, antes da guerra, de alguns aviões, já conhecidos como gigantescos para a sua época.

Esse aparelho de três motores 425 H.P. tinha que descolar com 14.000 quilos, e só por isso já corria sérios riscos de tombar durante as primeiras horas de vôo. A manobra dêste monstro aéreo seria dificilima e pouco notáveis as suas condições para lutar com redemoinhos, correntes fortes, etc.

A carga por unidade de potencia era superior a 10 quilos e a suportada por unidade de superficie excedia 110 quilos por quilometro quadrado.

E' sabido que o aeroplano caiu quási ao iniciar o seu vôo, tendo-se incendiado. Na catástrofe pereceram o mecanico Islamov e o radiotelegrafista Clavier, tendo-se salvo o capitão Fonck e o piloto Curtin.

Croquis da distribuição interior do aparelho, publicado pela revista inglesa «The Sphere»

SPORTS

Foot-ball

Desafios da Divisão de Honra, marcados para hoje

NO ESTADIO

«União Foot-ball Lisboa» contra «Club Foot-ball Belenenses» — ás 14 horas.

«Victoria Foot-ball Club» contra «Imperio Lisboa Club — ás 16 horas

NO RESTELO

«Casa Pia Atlético Club» contra «Carcavelinhos Foot-ball Club» ás 14 horas.

«Sporting Club de Portugal» contra «Sport Lisboa e Benfica» — ás 16 horas.

CLASSIFICAÇÃO

1.º	«Sporting»	—3	pontos	—3—0
2.º	«Imperio»	—3	»	—3—1
2.º	«Belenesses»	—3	»	—3—1
3.º	«Carcavelinhos»	—2	»	—2—2
3.º	«Victoria»	—2	»	—2—2
4.º	«Bemfica»	—1	»	—1—3
4.º	«União»	—1	»	—1—3
5.º	«Casa Pia»	—1	»	—0—3

Proteção á infancia

A Comissão de Protecção á Infancia do Grupo Excursionista 8 de Setembro de 1906, com séde na Travessa José Vaz de Carvalho (ao Campo de Sant' Ana), para fazer face ás despesas de vestuario e calçado das creanças suas protegidas, cerca de 80, sorteará pela lotaria do proximo Natal dois estojos em prata, os quaes se acham expostos na Casa Africana.

Actualidades gráficas

O GRANDE CICLONE DA FLÓRIDA

Um formidavel temporal assolou Mianú, destruindo varte da cidade. A gravura reproduz um grande vacht que a violencia dos elementos lançou á praia

UM HEROI DA GUERRA

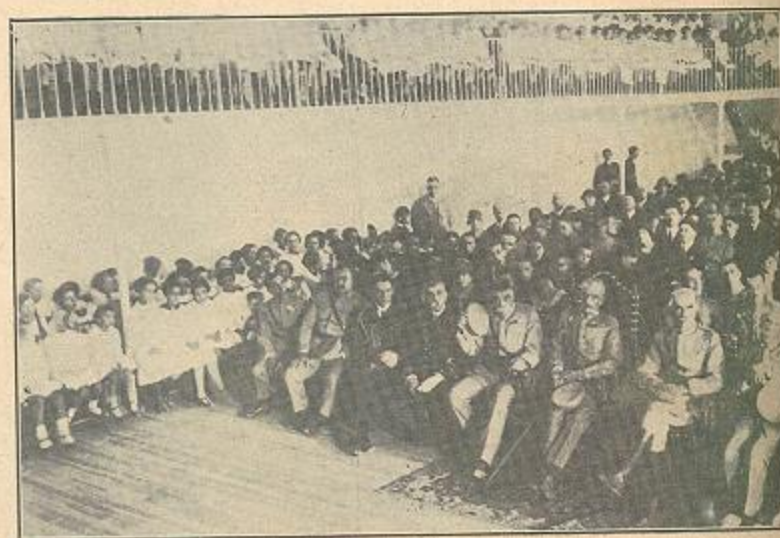
Funeral do capitão Anibal de Azevedo saindo da egreja do Socorro

FESTA NA PISCINA DO ESTORIL EM BENEFICIO DO ASILO D. PEDRO V

NADADORES QUE TOMARAM PARTE NA FESTA. DA DIREITA PARA ESQUERDA: D. CAROLINA AUGUSTA, D. ESTELA DE CARVALHO E A MENINA IDA ALVES.

VISITAS MINISTERIAIS

Visita do sr. ministro do Comercio aos C. C. F. Sul e Sueste, acompanhado do pessoal superior

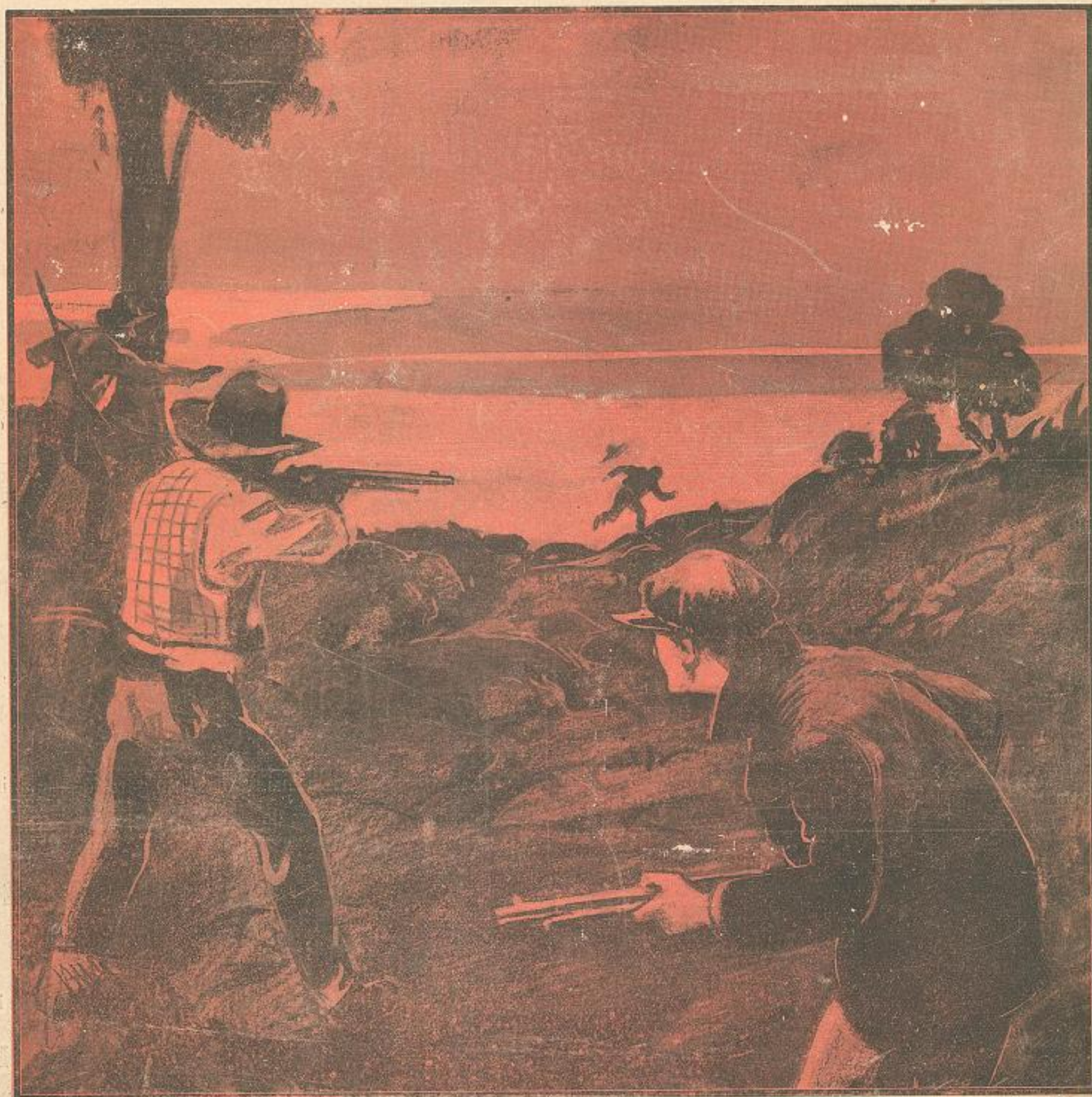
NO INSTITUTO FEMININO DE ODIVELAS

Sessão inaugural das aulas do novo ano lectivo. Um aspecto da assistencia

A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO – 48 ESCUDOS –
SEMESTRE – 24 ESC. –
TRIMESTRE – 12 ESC. –

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 – SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 – SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS – TEATROS, SPORTS & AVENTURAS – CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A CAÇA AO HOMEM

Numa pequena aldeia uns alucinados perseguem como selvagens um pobre alcoolico a quem acabam por matar, traçoeira e cobardemente.